

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

CLÁSSICOS DO CINEMA COREANO

14 de Janeiro de 2021 *

CHOU / 1966

“CHUVA VERDE”

um filme de JEONG JIN-WOO

Realização: Jeong Jin-woo *Argumento:* Na Han-bong *Fotografia:* Yu Jae-hyung *Montagem:* Kim Hee-su *Música:* Park Chun-sikk *Direção artística:* No In-taek *Interpretação:* Shin Seong-il (Yeong-hui), Moon Hee (Cheol-su), Kim Han-seob, etc.

Produção: Keukdong (República da Coreia, 1966) *Produtor:* Cha Tae-jin *Cópia:* DCP, preto-e-branco, falada em coreano, legendada electronicamente em português, 100 minutos *Estreia:* 10 de Junho de 1966, na República da Coreia *Grafia alternativa do título original:* CHOYEON *Título internacional:* AN EARLY RAIN *Títulos internacionais alternativos:* RAINY DAY, GRASS-GREEN RAIN *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca.*

* O filme estava inicialmente programado para duas sessões nos dias 14 e 21.

A sessão de dia 14 foi a última da retrospectiva apresentada em Janeiro, e interrompida pela declaração de confinamento em estado de emergência resultante do agravamento da crise sanitária.

Seul dos anos 1960 à chuva, no formato do Cinemascope e a preto e branco. É o mundo de CHOU, um dos títulos da prolifera filmografia de Jeong Jin-woo (nascido em 1938), realizador e produtor activo entre meados dos anos 60 e meados dos 90, cujo relevante percurso se estendeu ainda à distribuição e exibição do cinema internacional na Coreia. Como em vários outros filmes desta breve incursão pelo cinema coreano da segunda metade do século XX, a história de CHOU reflecte as conflituantes aspirações da luta de classes ou desejo de ascensão social numa sociedade em processo de modernização mas atravessada pela severa crise económica que sucedeu à Guerra que dividiu o país.

As tensões de CHOU estão de resto em linha com a obra de Jeong Jin-woo, que o Festival Internacional de Cinema de Busan referiu nestes termos por altura de uma retrospectiva da sua obra em 2014: “Jeong Jin-woo distinguiu-se pelos melodramas sociais em que tratava da separação da península coreana ou das barreiras de classes nos anos 60. Alargou ainda o seu território a tópicos diversos nos anos 70 e dedicou-se a representar as vidas de mulheres à beira da crise entre o fim dessa década e meados da seguinte.” Mas as tensões do fantasioso-cruel CHOU convergem ainda com o olhar atento à juventude, a uma cultura de revolta juvenil expresso em filmes seus contemporâneos, por exemplo, de Nagisa Oshima no Japão. Na Coreia, este filme de Jeong Jin-woo é tido como exemplar dessa “frente”, um filme de “verdes anos” na vitalidade do espírito “novo” que partilha com os das vagas de outros pontos do globo. Na especificidade coreana do seu tom, permite a associação com a deambulação lisboeta do primeiro filme de Paulo Rocha, o ambiente moscovita de obras de Marlen Khutsiev, a caracterização francesa da protagonista feminina quando sai à rua como um vulto que podia ser o de Catherine Deneuve ou Françoise Dorléac.

O realizador, já não um estreante (iniciara-se três anos e vários filmes antes com WIADEUL / “O FILHO ÚNICO”), juntou os jovens Shin Seong-il, actriz que havia de tornar-se uma importante estrela do

firmamento coreano, e Moon Hee, também ele um muito popular actor do cinema coreano da época. Pô-los à chuva, não para um musical cantado, mas num drama que começa ligeiro como as quiméricas bolas de sabão do genérico e ruma à desesperança da melodia do tema que já se ouve de início. É uma dança de acasalamento à chuva sem final feliz, assombrada pelas fracturas sociais que em boa verdade são anunciadas a abrir, em plena leveza de imagem, quando a voz *off* da narradora esclarece o dispositivo do conto de uma memória: “Dá-se o caso de que aquela rapariga [docemente enfastiada] de 20 anos sou eu. Estão a pensar que sou a filha do embaixador? Na verdade, abandonei os estudos com a esperança de ir rapidamente para França quando vim para esta casa...”

Yeong-hui (a personagem de Shin Seong-il) é empregada doméstica na mansão de família do Embaixador coreano em França; Cheol-su (a personagem de Moon-hee) é o mecânico de automóveis que ela conhece, entrando ambos num jogo de enamoramento em que trocam as cartas dos equívocos de identidade que perduram durante a maior parte do tempo de filme. A acção é posta em marcha com a chegada de uma encomenda com presentes do embaixador para a mulher e filha: arrebatada pelas peças de vestuário da última voga parisiense, Yeong-hui tem direito ao empréstimo de um traje para a chuva. A gabardina branca torna-se, mais que adereço, a imagem do engano em que transparece o desejo de uma outra vida, programático no caso do rapaz – “Não quero ser o tipo que arranja carros, quero ser o tipo cujos carros que são arranjados.” –, mais ingénuo no dela – “Esta gabardina está a mudar-me a vida. Com esta gabardina sou a filha do embaixador.” Vão combinando encontrar-se em dias de chuva, aqueles em que a rapariga pode usar o figurino que sustenta o equívoco, assim estabelecendo um pacto de meteorologia romântica mas não soalheira. E da única vez em que se vêem sem que ela esteja de gabardina vestida, mantendo o branco de um vestido vaporoso, é para desfazer o logro com a violência que ele já traz estampada no corpo ensanguentado.

Boa parte da acção é exterior, em périplo pela cidade, com a ocidentalização dos costumes à espreita nos bares em que se dança música rock, ou nas despedidas em francês, “Adieu”. A agilidade do olhar segue a juvenilidade fugidia das personagens, mas detém-se para surpreendentes planos contemplativos como os do abraço na árvore rigorosamente encenado, e vai endurecendo à medida que os acontecimentos castigam o rapaz, antes do negrume invadir o filme, deixando a chuva de ser retemperadora para fustigar o cru desfecho no barraco de madeira. A violência com que Cheol-su reage à confissão de Yeong-hui impõe-se implacável num dolorosíssimo retrato masculino/feminino em que tudo é destruído. Mas em termos menos abissais, a violência é uma sensação que enforma precocemente o filme à vista do arame farpado que rodeia os muros da mansão do embaixador. Muros esses, note-se, que são o cenário da conversa agrilhoadada do par, separados pelo remate das grades a que se agarram ainda trocando promessas. Não duram muito. CHOU acolhe a leviandade mundana, elege um motivo aquoso, segue a fluidez, dispõe-se à cidade e à paisagem, choca com obstáculos, infiltra em profundidade. Um retrato duro, numa composição primorosa.

Maria João Madeira